

Ser humano qua modos de des-velamento

Being human qua ways of unconcealment

João Cardoso de Castro¹

Murilo Cardoso de Castro²

Resumo: os modos de desvelamento são aspectos modais do *ser humano*. São suas facetas, enquanto *ser-aí*, na abertura de sua estrutura fundamental, *ser-em-o-mundo*, iluminando a *clareira* do *Aí*, em que si-mesmo, mim-mesmo, *entes intramundanos* e *entes outros* comparecem ou vêm de encontro em *modos-de-ser* distintos. A ênfase no “humano” em detrimento do *ser* reduz a expressão *ser humano* ao escândalo de um *ente humano*. Ao mesmo tempo, inverte a hierarquia lógica dos modos de desvelamento, privilegiando quase exclusivamente a *techne* e a *episteme*, o que Heidegger denunciou como o imperialismo do “pensamento calculativo” sem lugar para o “pensamento meditativo”.

Palavras-chave: Heidegger; Técnica; Ciência; Sabedoria; Inteligência.

Abstract: the modes of unveiling are modal aspects of the human *being*. They are faces, as *Dasein*, in the openness of its fundamental structure, *being-in-the-world*, illuminating the clearing of the There, in which oneself, myself, beings within-the-world and other beings come across in distinct modes-of-being. The emphasis in the “human” with the loss of *being* reduces the expression human *being* to the scandal of a human *entity*. At the same time, inverts the logical hierarchy of the modes of unveiling, giving an almost exclusive privilege to *techne* and *episteme*, what Heidegger denounced as the imperialism of the “calculative thought” without any place for the “meditative thought”.

Keywords: Heidegger; Technique; Science; Wisdom; Intelligence.

1. Introdução

Fomos levados à crença de que o *ser humano* é um “animal racional” e, portanto, um corpo semelhante ao dos animais, dotado de um cérebro que, além de controlar esse corpo, é capaz de pensamentos, percepções, sentimentos, imaginações, sensações etc. que, por meio

¹ Doutor em Bioética pelo Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva - UFRJ, com período sanduíche [CAPES] na DePaul University (Chicago). Possui graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2005) e mestrado em Educação em Ciências e Saúde pela UFRJ (2009). Atualmente é professor de Filosofia e Bioética em cursos de graduação e assessor da Direção de Educação à Distância (DEaD) do Unifeso. Principais temas de atuação: ética, bioética, filosofia antiga, Heidegger, fenomenologia, epistemologia. E-mail: joacardosodecastro@gmail.com.

² Possui graduação em Administração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1976), mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996), doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999), com doutorado sanduíche pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (1999) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005). Atualmente é Pesquisador em Geoprocessamento e SIG da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Geomática. Atuando principalmente nos seguintes temas: Informática, Geomática, Heidegger, Técnica, Filosofia, Filosofia da Técnica.

do dom maior desse “animal”, o *logos*, podem ser codificados em discursos e transmitidos em comunicações. A primeira redução ao sentido originário do *ser* humano, antes de alcançar a crença universal do “animal racional”, veio da latinização da definição aristotélica do *ser* humano, *zoon logon echon*, “viventente que possui *logos*”, como *animal rationale*. Heidegger, em sua proposta de um “outro início” desde o pensamento grego antigo dos pensadores originários, nos convida a visitar esse “viventente” com tal dote tão especial através da investigação da questão do *ser*³ desde o estado privilegiado do *ser* humano. Nossa reflexão associa elementos dessa investigação heideggeriana para demonstrar a necessidade de superar a crença exclusiva no humano “animal racional”, uma entidade mente-corpo, e doravante pensar o *ser* humano enquanto abertura de *modos de desvelamento* nos quais o *ser-á* humano descerra o próprio *ente* que é e aquele que comparece nessa abertura.

Ao longo dos anos 1920, Heidegger foi tecendo seu pensar sobre aquilo que considerava a questão primal de toda e qualquer filosofia: a questão do sentido do *ser*. Desde logo reconheceu que tanto sua formulação quanto seu acesso, e tanto mais sua ou suas respostas, passavam por uma nota importantíssima: “O sentido de *ser* de certo modo já deve estar disponível para nós” (Heidegger, 2012a, p. 41). Como podemos usar tal expressão, *sentido de ser* (*Seinsinn*), em uma questão se “[...] já nos movemos sempre em um entendimento-do-*ser*” (Heidegger, 2012a, p. 41), uma preliminar e vaga familiaridade do *ser*, que Heidegger qualifica de *pré-ontológica* (*vorontologische*)⁴?

Se cada um de nós move-se em tal *pré-ontológico entendimento-do-*ser** (*vorontologische Seinsverständnis*)⁵, cada um é como uma corrente no oceano; possível metáfora de um *ente* no *ser*, um *sendo* do *ser*. Assim como cada corrente é feita da mesma água do oceano, nada mais perfeito que denominar essa corrente, *ser-á* (*Dasein*)⁶, como o fez Heidegger, a esse *ente* privilegiado, capaz de movimento, *entendimento-do-*ser**, no

³ Usaremos itálico para palavras estrangeiras e para as palavras do léxico heideggeriano. Não aplicamos acentos na transliteração de palavras gregas. Todas as nossas citações de Aristóteles, exceto da *Ética a Nicômaco* (Cairo, 2015), são traduzidas da versão inglesa de sua obra completa (Barnes, 1991).

⁴ “A compreensão do *ser* [*Seinsverständnis*] (*λόγος* em um sentido bem amplo), que previamente ilumina e orienta todo o comportamento para com o *ente*, não é nem um captar o *ser* como tal, nem um reduzir ao conceito o assim captado (*λόγος* no sentido mais estrito - conceito “ontológico”). A compreensão do *ser*, ainda não reduzida ao conceito, designamos, por isso, compreensão pré-ontológica ou mesmo ontológica em sentido mais amplo” (Heidegger, 2008, p. 144).

⁵ “[...] a questão-do-*ser* nada mais é do que a radicalização de uma tendência-de-*ser* em essência pertencente ao *Dasein* ele mesmo, isto é, a radicalização do pré-ontológico entendimento-do-*ser*.” (Heidegger, 2012a, p. 67).

⁶ “[...] a determinação-de-essência desse *ente* não se pode efetuar pela indicação de um quê de conteúdo-de-coisa, pois sua essência reside em que, ao contrário, esse *ente* tem de *ser* cada vez seu *ser* como seu, escolheu-se para sua designação o termo *Dasein* como pura expressão-de-*ser*.” [Heidegger, 2012a, p. 57-9).

oceano *ser*; *ser-aí* no *ser*, corrente no oceano, água na água, mesmo no mesmo. Inclusive postulando o *Dasein*, em um de seus comentários posteriores à redação de *Ser e Tempo* (2012a, p. 47, nota a), “[...] como o manter-se imerso no nada de *Ser*, como comportamento”, ou seja, em nossa metáfora, a corrente imersa no oceano como comportamento do oceano ou, diríamos, movimento do próprio, *entendimento-do-ser*.

A escolha pelo termo *Dasein* durante os anos 1920 até sua consagração em *Ser e Tempo* (2012a) foi marcada por tentativas diversas em diferentes cursos e seminários ministrados. Dentre eles, se destacam os que Heidegger devotou ao pensamento de Aristóteles, numa tentativa de assimilação de termos e noções gregas para seu léxico ainda em formação. Um exemplo, muito citado, são as palestras de Marburg, em 1924, sob o título *Conceitos Básicos da Filosofia Aristotélica*, publicado como volume 18 dentro da Obra Completa (*Gesamtausgabe*). Através dessa publicação, fica evidente a grande dívida para com o pensamento de Aristóteles, especialmente no tocante ao *ser-aí* e suas “propriedades” o preferivelmente, *existenciários* (*Existenzialen*).

O curso sobre o *Sofista*⁷, de Platão, publicado como volume 19 na Obra Completa, também elabora ainda mais a recorrência à Aristóteles, em um grande prolegômeno que antecede a exegese do diálogo platônico. Ambas as obras serão muito referidas neste ensaio. Queremos demonstrar que consolidam uma visão do *ser* humano, como *ser-aí*, abertura do *acontecimento apropriador* (*Ereignis*) segundo os cinco *modos de des-velamento* (*aletheuein*) programaticamente enumerados por Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, Livro VI. Usando o símile da corrente no oceano, a corrente (*ser-aí*) é essa inauguração (*abertura*) no oceano (*ser*) de uma manifestação que se apropria (*acontecimento apropriador*) de sua água (*ser-do-Aí*) de acordo com os modos em que se revela (*modos de des-velamento*) em movimento (*compreensão-do-ser*). Mas isso é apenas uma menção simplificada do que será a seguir melhor demonstrado.

As obras heideggerianas mencionadas se complementam por sua articulação comum em Aristóteles e por serem preleções do mesmo ano acadêmico em Marburg. Ao mesmo tempo, ambas indicam o estágio de intenso questionamento de Heidegger sobre o *sentido do ser*, recorrendo ao que Aristóteles expõe sobre o *ser* humano na *Ética a Nicômaco*, em alguns livros da *Metafísica* e na *Retórica* e ao que Platão examina sobre o *sentido do ser* no diálogo

⁷ “No *Sofista*, Platão considera o *ser-aí* humano em uma de suas possibilidades mais extremas, a saber, na existência filosófica” (Heidegger, 2012b, p. 12).

*O Sofista*⁸. Espera, assim, alcançar conceitos fundamentais para confrontar a *questão do sentido do ser* e confirmar acesso a ela através do *ser-aí*, *ente* sem igual, ele próprio a se propor e formular tal questão. Ao mesmo tempo, *ente* privilegiado, pois, como afirma Heidegger (2012a, p. 139): “No ser desse ente, ele tem de se haver ele mesmo com seu ser. Como ente desse ser, cabe-lhe responder pelo seu próprio ser. O ser ele mesmo é o que cada vez está em jogo para esse ente.”

2. O hífen de *ser-aí*

O traço de união de *ser-aí* não consta do *Dasein* heideggeriano (já união no literal “*Aíser*” em alemão), exceto em certas grafias específicas conforme o pensar que Heidegger elabora em determinados contextos. Embora *Dasein* seja um termo que Kant usasse como tradução do latim *existentia*, em seu sentido do que “está-aí-fora”, *ex-istentia*⁹, “[...] o qual, segundo a tradição, significa ontologicamente, tanto como subsistência, um modo-de-ser que não convém essencialmente ao ente que tem o caráter do *Dasein*” (Heidegger, 2012a, p. 139). A palavra alemã *Dasein* foi todavia adotada por Heidegger para designar o *ente*, o *sendo*, capaz de, através de sua intimidade com o *ser*¹⁰, ter o privilégio de conceder um acesso único à *questão do sentido do ser*. Afinal de contas, a essência desse *ente* reside em sua *existência*, ou *ter-de-ser* (Heidegger, 2012a, p. 139), ainda mais ele, o *ser-aí*, “[...] é exemplar porque é o parceiro que em sua essência como *Dasein* (guardião da verdade do ser) joga para e com o ser – trazendo-o para dentro do jogo de ressonância” (Heidegger, 2012a, p. 45, nota c).

Essa “intimidade do jogo” *ser* e *ser-aí*, fica no termo em português ainda mais assinalada pelo traço-de-união entre *ser* e *Aí*¹¹ (*Da*). O hífen simboliza o *ser-do-Aí*¹² (*Sein des Da*), a conferência de uma abertura através da constituição fundamental do *ser-aí*, o *ser-em-o-mundo* (*In-der-Welt-sein*). Onde, na *clareira* (*Lichtung*) do *Aí*, *comparecem* ou *vêm-de-encontro* (*begegnende*) entes *intramundanos* (*innerweltliche Seiende*), segundo distintos

⁸ “Precisamente pela via de uma meditação sobre o ser do ente, Platão conquista o solo correto para interpretar o sofista em seu ser” (Heidegger, 2012b, p. 12).

⁹ Comentário de Heidegger à margem do texto de *Ser e Tempo* (2012a, p. 381): “O *Dasein* existe e somente ele; dessa maneira, existência é estar fora, ir para fora e estar na abertura do ‘aí’: *ek-sistencia*”.

¹⁰ “Como o homem pertence à essência do ser e permanece definido a partir de um tal pertencimento à compreensão do ser, o ente se encontra, segundo os seus diversos âmbitos e níveis, à disposição do homem para ser investigado e dominado” (Heidegger, 2007, v. 2, p. 221).

¹¹ “O *Da-sein* [ser-“aí”], em que o homem desdobra seu ser” (Heidegger, 2012a, p. 261, nota a).

¹² “Por isso, o termo ‘*Dasein*’ com que designamos esse ente não exprime o seu que, como é o caso de mesa, casa, árvore, mas o ser [o Ser ‘do’ ‘aí’; ‘do’: genitivus objectivus.]” (Heidegger, 2012a, p. 141).

modos-de-ser (Seinsart), *utilizabilidade (Zuhandenheit)* ou *subsistência (Vorhandenheit)*, assim como *comparecem* também outros *entes conformes ao ser-aí (Mitdasein)*. Sem ainda entrar na constituição desse traço-de-união, o *ser-do-Aí*, deve-se ressaltar um fato contundente mas despercebido em geral, qual seja a subjacência em imperante vigência no *ser-aí* da *compreensão-do-ser* ou *entendimento-do-ser*¹³, ainda que “mediano e vago” (Heidegger, 2012a, p. 41), flutuante e esvaindo-se em verbalidade (Heidegger, 2012a, p. 43), indeterminado e exigindo elucidação (Heidegger, 2012a, p. 43), “[...] permeado, além disso, por teorias tradicionais e opiniões sobre o ser” (Heidegger, 2012a, p. 41). A vigência do *entendimento-do-ser* portanto preclui qualquer tentativa de “se contar estórias” (Heidegger, 2012a, p. 43) sobre essa “inteligibilidade” vigente em *ser-aí*. “O entendimento-de-ser que reside no *Dasein* ele mesmo se expressa de modo pré-ontológico” (Heidegger, 2012a, p. 549).

Heidegger (2012a, p. 381) apresenta o *ser-do-Aí* em perfeita analogia ao *ser-em*¹⁴, um dos momentos estruturais da unicidade *ser-em-o-mundo*¹⁵, constituição fundamental de *ser-aí*, cujo traço de união pode ser pensado na direção a montante, do *Aí* ao *ser*, no *deixar-ser* do modo da *propriedade* ou *autenticidade (Eigentlichkeit)* de *ser-aí* ou na direção do *ser* ao *Aí*, na cotidianidade (*Alltäglichkeit*) da *decadência* ou *queda (Verfallen)*, no modo da *impropriedade* ou *inautenticidade (Uneigentlichkeit)* do *ser-aí*. Nessa última direção, do *ser* ao *Aí*, a *impropriedade* não tem qualquer sentido pejorativo ou degradante, apenas determina “[...] o *Dasein* segundo sua mais completa concretização em suas ocupações, atividade, interesses e sua capacidade-de-gozar” (Heidegger, 2012a, p. 141, 143). Os dois modos da *propriedade* e da *impropriedade* se fundam em que o *ser-aí* enquanto tal está determinado pelo *ser-cada-vez-meu (Jemeinigkeit)*, ou seja, pela inteligibilidade única que cada *ser-aí* enquanto *ente* é, seja si-mesmo em *propriedade* ou seja mim-mesmo em *impropriedade, Aí*.

A constituição *existenciária* ou ontológica¹⁶ desse *Aí*, ou seja, o *ser-do-Aí*, no modo da *propriedade*, é como uma “harmonia” que tem como primeiro acorde a *disposição* ou o *encontrar-se (Befindlichkeit)*, ressonando a *tonalidade afetiva* ou *estado-de-ânimo*

¹³ “[...] a estrutura ôntica do *Dasein* ele mesmo, estrutura que contém em si a determinidade de um entendimento-do-ser pré-ontológico” (Heidegger, 2012a, p. 63).

¹⁴ “Existindo, o *Dasein* é o seu “aí”, o que significa, assim: o mundo é “aí”; o seu ser-“aí” [*Da-sein*] é o ser-em” (Heidegger, 2012a, p. 407).

¹⁵ “O ente que é essencialmente constituído pelo ser-no-mundo é cada vez ele mesmo o seu ‘aí’” (Heidegger, 2012a, p. 379),

¹⁶ Segundo Heidegger (2002a, p. 206), assim como existenciário [*Existenzial*]: “Ontológico significa realizar a reunião do ente com a sua entidade”.

(*Stimmung*) do *ser-aí*, que assim manifesta o como se está e como se anda e, nesse “como”, dispõe o *ser* em seu *Aí*¹⁷. A *compreensão-do-ser*, a inteligibilidade, sendo pré-ontológica, é o próprio fundo de inteligibilidade sobre o qual se modula essa ressonância afetiva na origem do *ser-do-Aí*. Os acordes seguintes, porém co-originários à modulação da *disposição*, a repercutem co-constutivamente: primeiramente, com maior intensidade, pelo *compreender* ou *entender* (*Verstehen*), enquanto a própria abertura desde a inteligibilidade da *compreensão-do-ser*. Abertura na qual *entes intramundanos* e *entes outros* (outros *ser-aí*) não apenas comparecem, mas o fazem com *significatividade* ou *significância* (*Bedeutsamkeit*), dado *compreender*. Prosseguindo então, desde o *compreender*, repercute em seguida a *interpretação* (*Auslegung*), conducente do apropriar, tornar próprio a compreensão, doravante interpretada. A harmonia alcança, então, novo eco, uma derradeira repercussão no *Aí* pelo *discurso* ou *fala* (*Rede*) que articula por enunciações a dada *interpretação* do *compreender*, em conformidade com a *disposição* dada como *estado-de-ânimo*.

Por outro lado, a constituição ontológica do *ser-do-Aí* no modo da impropriedade se torna evidente pelo *discurso* que é *fatalório* (*Gerede*), de um mim-mesmo reprodutor do “disse-me-disse” do *a-gente* por conta de uma *interpretação* que é apenas *curiosidade* (*Neugier*) de um “eu observador” ansioso por “ver” apenas pelo “prazer de ver”, sob a tutela da *ambiguidade* (*Zweideutigkeit*) de uma *in-compreensão*, ou melhor, de uma *compreensão* confusa do que comparece na *clareira* do *Aí*, tanto *ser* que *Aí* sou quanto tudo mais é. Todavia, a *disposição*, como no modo da *propriedade*, dá o acorde da *tonalidade afetiva*, mas o *entender* não se harmoniza como tal, é ambíguo, levando à especulação curiosa e à cacofonia do *fatalório*, que nada diz, sendo apenas opinião, *doxa*¹⁸. Carneiro Leão (2010, p. 128) diz bem quando afirma:

Porque todo questionamento exige transformação no modo de ser e impõe aceitação do real em toda realização! Ora crescer dói na alma e transformar-se traz um sofrimento essencial. Por isso o espanto se tomou logo curiosidade e a busca do interessante substituiu rapidamente a admiração. Curiosidade é o açodamento de olhar tudo sem ver nada, é a voracidade de saber tudo, e não ser nada. E interessante é tudo que mobiliza a sofreguidão das trocas e acirra o ritmo do consumo, sem se ter de assumir o peso das mudanças nem a responsabilidade das decisões.

¹⁷ “O estado-de-ânimo deixa manifesto ‘como alguém está e como anda’. Nesse ‘como está’ o ser do estado-de-ânimo leva o ser a seu ‘aí’” (Heidegger, 2012a, p. 385).

¹⁸ “A inteligibilidade na qual o ser-aí se movimenta, *a-gente*, é fundamentada ultimamente em *δόξα*, nos sentidos medianos de coisas e de si-mesmo” (Heidegger, 2009, p. 52).

O *entendimento-do-ser*, a inteligibilidade, percola todas as ressonâncias do *estado-de-ânimo*, mesmo no modo da *impropriedade* pela prevalência do *a-gente*¹⁹, mas o *desvelamento* está comprometido.

O *entendimento-do-ser*, ou a *compreensão do ser*, *Seinsverständnis*, preestabelece uma “*com-(ser)-preensão do Aí*”, ou seja, é pré-ontológica na preensão do *Aí* com *ser* na originariedade do *ser-do-Aí*. *Aí*, por sua vez, é *clareira* em que reluz *ser-si-mesmo* ou *ser-mim-mesmo*, conjuntamente refletindo à totalidade de *entes* que aparentemente diferem do *mesmo*²⁰. Preestabelece ainda, de pronto, um parentesco essencial, uma *suggeneia*, uma afinidade íntima, entre ela própria, a *compreensão do ser*, e a totalidade do que se dá na *clareira* do *Aí*. Como afirma Parmênides, parafraseando a tradução do Fragmento VIII, 34ss, feita por Heidegger (1992, p. 223): o mesmo é, com efeito, o notar que apreende o notado (*nous*) e também o ser pre-sente do ente pre-sente.

O que nos leva ao sentido do *entendimento-do-ser*, ou inteligibilidade, em sua ordenação e co-originariedade ao “ser pre-sente do ente pre-sente”, que assim guarda o *nous* em seu próprio seio, no âmago do próprio *ser*. Há uma adequação, correspondência ou conformidade entre o “notar que apreende o notado” e o “ser pre-sente do ente pre-sente”. O que oferece uma outra possível leitura da expressão *adaequatio rei et intellectus*, absolutamente distinta daquela dada e criticada por Heidegger. Uma leitura que fica evidente em Plotino (*Enéadas* I, 6, 9), reconduzindo-a à *verdade* como pensada originalmente no pensamento grego antigo, como *des-velamento* (*aletheia*) que reúne o capaz de *des-velar* com o *des-velado*²¹.

A expressão *adaequatio rei et intellectus*, como axioma do pensamento medieval sobre a *veritas*, de fato se desviou do sentido original da *aletheia* e foi conduzida pela escolástica em direção à verdade da proposição e, então, à “certeza” em Descartes. Nos interessa agora examinar essa inteligibilidade enquanto *lumen naturale*²² da *clareira* do *Aí* em seu fundamento básico no *nous* como quintessência dos *modos de desvelamento*

¹⁹ “A-gente delinea por antecipação o encontrar-se, determinando o que se ‘vê’ e como se ‘vê’” (Heidegger, 2012a, p. 477).

²⁰ “As condições da possibilidade mesma da experiência são no mesmo lance as condições da possibilidade dos objetos da experiência” (Heidegger, 1992, p. 225).

²¹ “Aquele que vê, com efeito, deve ter se tornado aparentado e semelhante àquilo que é visto, para alcançar à contemplação. Certamente, jamais o olho veria o sol sem ter se tornado da mesma natureza que o sol, e a alma não poderia ver o belo sem ter se tornado bela” (Plotino, *Enéadas* I, 6, 9).

²² “Ele [*ser-aí*] é “iluminado” significando: como ser-no-mundo ele é em si mesmo iluminado [Αλήθεια – abertura – clareira, luz, iluminar], não por receber a luz de um outro ente, mas porque ele mesmo é [mas não produz] claridade da clareira” (Heidegger, 2012a, p. 381).

(*aletheuein*) elencados por Aristóteles na *Ética a Nicômaco* Livro VI, capítulo 3.

3. *Nous* – Quintessência dos modos de desvelamento

O que será doravante examinado, recorre à leitura de Aristóteles feita por Heidegger. Por conseguinte, é necessário contextualizar o questionamento de Heidegger (2002b, p. 127), conforme ele mesmo enuncia em um curso de 1922, *Interpretações fenomenológicas em conexão com Aristóteles*. A interpretação de Aristóteles deve se guiar primeiro quanto ao *ser* humano no tocante a suas características de *ser*, ou *existenciais* (*Existenzialen*); segundo, pelo sentido de *ser-aí* em termos de *ser* humano, em que medida este se oferece como *ter-prévio* do primeiro; e terceiro, pelo modo como o *ser* de *ser* humano pode se explicitar em conceitos, conducentes a uma fenomenologia ontológica. Deve se guiar também pela abordagem “prática” de Aristóteles do *ser* humano, onde não se deve esquecer *ser*, mas, ao mesmo tempo, não se deve perder no “humano”. Como muito bem coloca Vicente Ferreira da Silva (2010, p. 101) nessa longa, porém imprescindível citação:

Como encontramos diversas vezes afirmado nos trabalhos de Heidegger, é necessário renunciar às incitações do ente, inclusive do ente que somos, para receber a graça do Ser. De fato, o ente nada mais é do que o sugerido pela magia projetiva do Ser. O sugerido, entretanto, se manifesta como uma sugestão, como algo em relação ao qual nós subjazemos ou estamos entregues. Entregues ao sugerido do ente, só podemos interpretar o que nos é consignado e oferecido, fato que não só se realiza na figura presente do ente, como também e primordialmente no que há de ser do próprio oferecido. O Ser é o Sugestor da sugestão do sugerido. O ente viria a nós a partir da essência ek-stática da sugestão. O sugerido é o que é proposto, isto é, posto como imagem a cumprir, ou como imagem antecipadamente esboçada. Essas imagens não seriam as nossas imagens das coisas, imagens de imagens, mas sim as próprias coisas como imagens prototípicas. O sugerido originário das imagens seriam as coisas fluindo da imaginação prototípica do Sugestor. Eis por que a sugestão não poderia provir do ente ou das coisas, desde que esse ente já seria o sugerido pela instauração originária. O sugerido tem, entretanto, a sua fonte no Sugestor, sendo esse termo apto para designar o domínio projetante do Ser, isto é, o Aberto da liberdade instauradora.

Os *modos de des-velamento* (*aletheuein*) consignados por Aristóteles no Livro VI, capítulo 3, da *Ética a Nicômaco*, são distintos modos pelos quais os *entes* aparecem na *clareira* do *Aí* e enquanto tal são “sugeridos”, inclusive o próprio *ente ser-aí*, dados pela “sugestão”, o *entendimento-de-ser*, desde o próprio “Sugestor”, o *ser*. Na tradução não ortodoxa do grego, feita pelo próprio Heidegger (2002b, p. 130; citação abaixo) e

posteriormente estudada em detalhes em seu curso *Platão: o sofista* (2012b), assim se elencam esses *modos de des-velamento*, com a ressalva de que devem ser assumidos como modos nos quais “[...] a alma faz comparecer e toma entes em guarda como desvelados – atualizando isto por meio de explicação em fala que ou afirma ou nega [...]” (Heidegger, 2002b, p. 130). Os cinco modos são, então, apresentados em uma ordem significativa como será adiante demonstrada:

Procedimentos nos quais se é dirigido para certas tarefas e se produz [*techne* (arte)]; definições por meio de observação, discussão e identificação [*episteme* (entendimento científico)]; a espécie de se ver ao redor que tem que tratar com solicitude pelo bem-estar humano (circunspeção) [*phronesis* (prudência)]; a espécie de compreensão que vê de uma maneira autêntica [*sophia* (sabedoria)]; e a pura e simples percepção (*nous* (inteligência)). <Somente estes vêm à consideração> posto que jaz no próprio sentido de suposição e de ter um ponto de vista [*doxa* (opinião)] que estes não necessariamente nos dão entes como desvelados, ao invés tais como o que é significado por eles apenas parece como se fossem... e isto se interpõe diante dos entes em questão e nos ilude (Heidegger, 2002b, p. 130).

O significado de “verdade”, em termos gregos *aletheia*, é de fundamental importância para a compreensão dos *modos de des-velamento*, no que diz respeito às diferenças que guardam entre si, ao como cada um alcança uma determinada atualização do *ser* em ente *intramundano* (*subsistente* ou *utilizável*) ou em ente “*outro*” (*Mitdasein*) e, finalmente, a como em cada modo a vigência do *nous*, “notar que apreende o notado”, se faz “notar”.

A *aletheia* é uma afirmação positiva da “verdade” através de uma privação: um combinado do prefixo “a”, privativo, não negativo, com a palavra *lethe* (esquecimento); “*Aletheia* significa: *não estar mais velado, estar descoberto*” (Heidegger, 2012b, p. 15-6). Os *modos de desvelamento* são modos que privam o *ser* do esquecimento, um *des-encobrimento* (*Entdecktheit*) do que é, desde o *sendo*, o ente. Os entes são *des-velados*, são “sugeridos” em distintos modos de “sugestão”, de inteligibilidade, de *compreensão do ser*. O *nous* é o quinto *modo de desvelamento*, que se posiciona como que ao centro de um quiasma, um cruzamento dos quatro outros modos: *techne*, *episteme*, *phronesis* e *sophia*. O *nous*, enquanto “notar que apreende o notado”, desde o centro do quiasma, está presente nos distintos modos, como o que os substancia ao mesmo tempo que proporciona o “com vistas a que” (*worumwillen*) das diferentes lidas de cada modo ao desvelar entes. É o “notar” que propriamente des-encobre ou des-cobre entes, enquanto claridade da *clareira* do *Aí*. Um “notar”, “ver puro e simples” (Heidegger, 2012b, p. 64), é de fato *aneu logou* (sem *logos*), ou seja, uma aquiescência sem afirmação ou negação, sem *propriedade* ou *impropriedade*,

na plena intimidade do *ser* do *ser-aí*²³.

Essa claridade pode, no entanto, estar ofuscada ou sombreada pela *impropriedade* do *ser-aí* assenhorado por *a-gente*, disfarçado de mim-mesmo, em que a *falsidade* é afirmada pela palavra grega *pseudos* em voga pelo falso *discurso* (o *falatório*), a falsa *interpretação* (a *curiosidade*) e o falso *entender* (a *ambiguidade*). Nesse caso, temos um *dianoein*, um notar discursivo (Heidegger, 2012b, p. 64), afinado com a própria definição aristotélica do *ser* humano como *zoon logon echon*, “vidente que possui *logos*”, onde prevalece a *impropriedade* da “razão discursiva” (*dianoia*).

Heidegger considera seu próprio pensar sobre o *ser-aí* como um símile do que Aristóteles reconhece como a *psyche*²⁴. Nessa direção, o que Aristóteles diz sobre o *ser* do *ser* humano guarda também forte similitude com o *noein*, o pensar, por conseguinte, com o fragmento VIII 34 de Parmênides: “o mesmo, ser e pensar”. Aristóteles, segundo Heidegger, teria elaborado, embora de maneira insuficiente, como o *ser* do *ser* humano é determinado em um sentido genuíno como *ser-em-o-mundo*, ou seja, abertura da *clareira* do *Aí*. Para Heidegger, Aristóteles, nos capítulos 4-5 do Livro III de *De Anima*, estaria se questionando como *nous*, de dentro ou de fora do *ser-aí*, estaria ordenando o *ser* humano enquanto abertura do *ser-em-o-mundo* (Heidegger, 2009, p. 134-5), des-encobrimento de *entes* e *outros*. A conclusão é que *nous*, enquanto claridade (Heidegger, 2009, p. 134-5) da *clareira* do *Aí*, é a condição básica de possibilidade de *ser-em-o-mundo*, constituição fundamental de *ser-aí*. Como tal, destacando-se além de qualquer “humano” concreto, em particular como indivíduo. Conseqüentemente, os *modos de desvelamento*, em quiasma tendo ao “centro” *nous*, são como que diferentes faces de *ser* humano, em conformidade com a pregnância de *noein*, de pensar, que cada modo assimila e por conseguinte *desvela* na *propriedade* ou na *impropriedade* de *ser-aí*.

De posse do que seja a quintessência dos *modos de desvelamento*, o *nous*, passemos aos modos propriamente na ordem estabelecida por Aristóteles, que indica uma progressão de “notar que apreende o notado” desde a *techne* até a *sophia*, posto que esta é caracterizada como quase um puro reflexo do *nous*: “[...] um *aletheuein* (desvelamento) que, por um lado,

²³ “Aristóteles talvez só tenha clarificado esse fenômeno [*nous*] até o ponto que era possível no interior da interpretação grega do *ser*” (Heidegger, 2012b, p. 63).

²⁴ “The “soul” is οὐσία in the sense that it constitutes the being-there of the beings that have the character of living” (Heidegger, 2009, p. 25); “Ψυχή is the οὐσία of a ζῶον, it constitutes the being of those beings that are characterized as being-in-their-world” (Heidegger, 2009, p. 113); “‘Soul’ is what constitutes the specific presence-at-hand of beings qua living things, the being-ness of being-in-a-world” (Heidegger, 2009, p. 236).

assume de certo modo o *aletheuein* (desvelamento) do *nous* (pensamento) e, por outro, tem o caráter científico da *episteme* (ciência)” (Heidegger, 2012b, p. 64). A orientação dada por Aristóteles no exame dos modos de desvelamento, segundo Heidegger, é um questionamento duplo sobre cada modo: primeiro, quanto ao caráter dos entes que o modo de *aletheuein* des-encobre; segundo, se o respectivo modo de *aletheuein* também des-encobre o *arche* (princípio) dos entes que desvela.

Heidegger, seguindo Aristóteles, afirma que o ente des-coberto pela *techne*, ou aquilo sobre que incide a *techne*, é o ser-deveniente (*esomenon*) (Heidegger, 2012b, p. 41). A *techne* é arte, perícia, saber-fazer, direcionada à pro-dução (*poiesis*), ou seja, o ainda não produzido mas que assim demanda ser e, ao mesmo tempo, admite ser de outra forma do que se apresenta (Heidegger, 2012b, p. 41). A *techne* “força” a aplicação e utilidade dos entes que vêm-de-encontro por seu modo de desvelamento, que ainda lhes outorga um “*para que*”, uma funcionalidade. Os entes aos quais ela se dirige são justamente aqueles que faz comparecer na *clareira* do *Aí* no modo-de-ser (*Seinsart*) da *utilizabilidade* (*Zuhandenheit*). Na cotidianidade do *ser-aí*, na abertura de sua estrutura fundamental, *ser-em-o-mundo*, esse é o modo-de-ser predominante da quase totalidade dos entes que vêm-de-encontro²⁵. Dada a prevalência crescente da técnica e desse modo-de-ser-utilizável dos entes, o próprio “humano” na expressão *ser humano* sofre a aberração de estar sendo des-velado, des-encoberto, como um *ser-utilizável*, um “recurso humano”, um “agente econômico” de produção e de consumo, um ente humano que se reduz a um agregado de funcionalidades substituíveis pela chamada “inteligência artificial”.

O modo de desvelamento *episteme* des-encobre entes que sempre são o que são (Heidegger, 2012b, p. 32), ou seja, não se oferecem à configurar-se por aplicabilidade ou utilidade imposta pelo modo *techne*, comparecendo na *clareira do Aí* como entes no modo da *subsistência* (*Vorhandenheit*) por sua deficiência em ou simples não *utilizabilidade*²⁶. Esse desvelamento da *episteme* é aquele que prenuncia o “conhecimento” que dos entes se aufere, que permite dizer “assim é”, “assim tenho ciência”. Só o que sempre é pode ser conhecido, o que pode ser de outra forma não é conhecido em sentido estrito (Heidegger, 2012b, p. 33). Por conseguinte, “ciência”, “conhecimento”, é resultado de um *desvelamento*

²⁵ “Na medida em que em geral um ente se mostra para a ocupação, isto é, na medida em que o ente é descoberto no seu ser, ele já é cada vez um utilizável do-interior-do-mundo-ambiente e não precisamente “de pronto” só um “material do mundo” subsistente” (Heidegger, 2012a, p. 255).

²⁶ “Nessa espécie de “deter-se” — como abstenção de todo manejo e utilização — efetua-se o perceber do subsistente” (Heidegger, 2012a, p. 193).

que in-forma e dá forma ao des-coberto e, assim, o mantém. Nessa condição de certa “independência” do tempo, os *entes* que sempre são (*aidion*) são desvelados pela *episteme* em um modo passível de ensinar/aprender, a *mathesis* (Heidegger, 2012b, p. 36), que tem nas matemáticas seu desenvolvimento mais puro, garantindo a produção e a reprodução da ciência. O modo de desvelamento *episteme* produz e reproduz conhecimento enquanto posicionalidade para com os *entes* desvelados pela própria *episteme*. Entretanto, a gradação de *nous*, de “notar que apreende o notado”, que dispõe a *episteme*, não alcança o que ela mesma não pode elucidar, ou seja, devemos admitir que a *episteme* é apodítica (*apodeixis*) (Heidegger, 2012b, p. 37), um modo de desvelamento só demonstrando o *ente* com base no familiar e conhecido.

Passemos, então, com Heidegger (2012b, p. 50), ao *modo de desvelamento phronesis* (*circunvisão – Umsicht*), logo constatando que é preciso determinar primeiramente a que ela se refere, a fim de que seja possível demarcá-la em relação aos dois modos inicialmente analisados do *aletheuein* (*desvelamento*), o modo da *episteme* (ciência) e o modo da *techne* (arte). A *phronesis* se delimita em relação à *episteme* como *doxa* (opinião) e em relação à *techne* como *arete* (virtude) (Heidegger, 2012b, p. 50). Isso demarca o contexto segundo a *Ética a Nicômaco* Livro VI, capítulo 5, em que Aristóteles realiza a análise da *phronesis*.

Na tradução de Heidegger da palavra *phronesis* por *Umsicht*, nota-se uma indicação de um indispensável *ver-ao-redor* que respeita justamente o papel que tem de desempenhar como regente da *praxis*, da *ação humana*. Indica, ao mesmo tempo, o caráter de uma “visão” peculiar de que é dotado e capaz o próprio *ser-aí*. Uma visão abrangente do *Aí* que é uma *preensão* do *Aí* dado, um prolegômeno desvelador e necessário para passar a uma gradação maior de *nous*, qual seja, a *com-preensão*, a *sophia*. Não se trata exclusivamente de uma visão dos olhos corporais, que proporciona apenas uma percepção analítica, um olhar o sensível. Trata-se da “clarividência” daquele que pode ver e deliberar apropriadamente sobre o que é bom (pleno e perfeito) e o que é, em adição, bom para si mesmo (*auton*), o deliberador ele mesmo. Traduzindo livremente da *Ética a Nicômaco* (1140a25ss.), Heidegger afirma (2012b, p. 51):

“Um φρόνιμος (ser circunvisivo) é evidentemente alguém que pode refletir bem, apropriadamente”, alguém que é βουλευτικός (alguém que delibera); e, em verdade, que pode refletir apropriadamente “aquilo que é bom — que constitui o estar pronto — propício αὐτῷ, para ele mesmo, para aquele que reflete...”. O objeto da φρόνησις (circunvisão) é, portanto, em verdade, determinado como aquilo que também pode ser de outro modo, mas ele tem desde o princípio uma referência àquele mesmo que

reflete.

Enquanto os dois primeiros modos de desvelamento, *techne* e *episteme*, estavam voltados para o “fato” (*factum*) humano enquanto ente natural, esses dois outros modos, a *phronesis* e a *sophia*, ainda mais com-preensivamente, estão voltados para o “ato” (*actum*) humano enquanto deliberador de valor, de sentido, de significado. A *phronesis* faz as circunstâncias do ator-deliberador acessíveis mantendo uma firme “preensão” do “em virtude de” ou “com vistas à” (*worumwillen*) de uma ação²⁷. O “deliberador prudente” (*phronimos*) deixa se fazer disponível à deliberação precisamente esse “para-que” na preensão da *situação* no *instante* (*Augenblick*) do ato certo, no momento certo (*kairos*). A *phronesis* é o *modo de desvelamento* dos entes por sua plena *percepção* (*aisthesis*) em uma *situação* humana, conducente à deliberação e decisão certas, em um *piscar de olhos* (*Augenblick*).

Finalmente, chegamos ao quarto modo de desvelamento, *sophia*, já bem encaminhado em seu entendimento pela anterior descrição da *phronesis*, um prolegômeno à *com-preensão*. O prefixo “com-” diz muito do que seja a *sophia* em contraste com a *phronesis*: a *preensão* proporcionada pela *circunvisão* é dada e mantida desde um ponto de referência do *ver-ao-redor*, o *Aí*. *Compreensão* (*Verstehen*) é o termo escolhido por Heidegger (2012b, p. 22) para inicialmente traduzir esse quarto *modo de desvelamento*, *sophia*, embora, em seguida, geralmente mantenha a tradução comum por “sabedoria”. Sua primeira escolha de tradução nos oferece uma linha de pensamento para refletir sobre esse *modo de desvelamento*. *Com-preensão* é uma *preensão com*, onde o “com” designa para *sophia* o “inesquecível” *ser*: 1) *em que* se é e entes comparecem em distintos *modos-de-ser*; 2) *com que* entes são conhecidos e descritos; e 3) *de que* entes são constituídos e deliberados. O *modo de desvelamento sophia*, enquanto *preensão com ser*, absorve todos os modos anteriores, lhes facultando a lembrança de “com ser”, o imprescindível *ser*: 1) *em que* se é e entes comparecem, de forma prevalente pela *techne*; 2) *com que* entes são conhecidos e descritos, de forma prevalente pela *episteme*; 3) *de que* entes são constituídos e sobre tal deliberados, de forma prevalente pela *phronesis*. Nessas formas prevalentes, ainda se insinua com preponderância a *impropriedade* do *ser-aí*, não em sentido pejorativo ou negativo, mas apenas de *esquecimento* e *abandono* do próprio, do *ser*. Todavia, em todas as formas, há

²⁷ “Pois os princípios das coisas que precisam ser feitas é aquilo em virtude de que se dá o que tem de ser feito – *Ética a Nicômaco* 1140b16ss” (Heidegger, 2012b, p. 53).

possibilidade de *propriedade* ou *autenticidade* pela subjacente e acolhedora *sophia* que a todos os demais modos absorve no *nous*, no “notar que apreende o notado”, facultando suprema *com-preensão* ou, pelo menos, *compreensão-do-ser*, inteligibilidade.

4. Conclusão

Os *modos de desvelamento* são aspectos modais do *ser humano*. São suas facetas, enquanto *ser-aí*, na abertura de sua estrutura fundamental, *ser-em-o-mundo*, iluminando a *clareira* do *Aí*, em que si-mesmo, mim-mesmo, *entes intramundanos* e *entes outros* comparecem ou vêm-de-encontro em *modos-de-ser* distintos. A ênfase no “humano” em detrimento do *ser* reduz a expressão *ser humano* ao escândalo de um *ente humano*. Ao mesmo tempo, inverte a hierarquia lógica dos modos de desvelamento, privilegiando quase exclusivamente a *techne* e a *episteme*, o que Heidegger denunciou como o imperialismo do “pensamento calculativo” sem lugar para o “pensamento meditativo”.

Referências bibliográficas

- Barnes, Jonathan. *The Complete Works of Aristotle* (2 vol.). Princeton: Princeton University Press, 1991.
- Brisson, Luc. *Platon - Oeuvres complètes*. Paris: Flammarion, 2011.
- Caeiro, António. *Aristóteles - Ética a Nicômaco*. Lisboa: Quetzal, 2004.
- Carneiro Leão, Emmanuel. *Filosofia Grega: uma introdução*. Teresópolis: Daimon Editora, 2010.
- Heidegger, Martin. *Qu'appelle-t-on penser?* Paris: PUF, 1992.
- Heidegger, Martin. *Caminhos de Floresta*. Trad. Irene Borges-Duarte. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002a.
- Heidegger, Martin. *Supplements*. New York: SUNY, 2002b.
- Heidegger, Martin. *Marcas do Caminho*. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008.
- Heidegger, Martin. *Basic Concepts of Aristotelian Philosophy*. Bloomington: Indiana University Press, 2009.
- Heidegger, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas: UNICAMP, 2012a.
- Heidegger, Martin. *Platão: O Sofista*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2012b.

Heidegger, Martin. *Contribuições à Filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2014.

Plotino. *Traitées 1-6*. Trad. Luc Brisson e Jean-François Pradeau. Paris: GF-Flammarion, 2002.